



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

## A ABORDAGEM DA REGÊNCIA VERBAL NO LIVRO DIDÁTICO <sup>1</sup>

Christiane Renata Caldeira de MELO

Paula Márcia Lázaro da SILVA<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo uma investigação do Livro Didático de Língua Portuguesa, especificamente, a forma como esse material didático aborda o fenômeno da Regência Verbal, sob à luz das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais e das Diretrizes da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, buscando analisar as atividades de ensino deste conteúdo encontradas neste suporte didático. Verificamos que o ensino de gramática nas escolas passou por várias e importantes transformações, a maior delas ocorreu na década de 1990, com o surgimento dos PCN, que propõem uma concepção de língua e ensino diferente daquelas que, até então, estavam em vigor. No entanto, ainda encontramos em nossas escolas (e nos livros didáticos por elas adotados) uma concepção de língua baseada, apenas, na metalinguagem, fugindo às recomendações propostas por tais diretrizes que postulam algumas recomendações para ensino da Língua Portuguesa, dentre elas o gênero como objeto de ensino. Apesar dessas instruções, as atividades as quais encontramos no *corpus* privilegiam a memorização da regência verbal de alguns verbos considerados fundamentais para aprendizagem e para o uso da variedade padrão da língua. Após a análise apresentamos uma sugestão de exercícios os quais se embasam no modelo de sequência didática proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

**Palavras-chave:** Ensino; Regência verbal; Livro Didático.

**Abstract:** This article aims at an investigation in Textbook of Portuguese Language, specifically, how this material covers the phenomenon of Verbal Regency, in the light of the proposals of the National Curriculum Standards and Guidelines of the State Department of Education of Minas Gerais, seeking analyze the teaching activities of this content found in this educational support. We found that the grammar teaching in schools has gone through several major transformations, the largest of which occurred in the 1990s, with the emergence of the National Curriculum, which propose a conception of language and different teaching of those who until then were in force. However, we still find in our schools (and in textbooks adopted by them) a conception of language based only on meta, fleeing to the recommendations proposed by these guidelines that posit some recommendations for teaching

---

<sup>1</sup> Texto Aprovado em 30-04-2015

<sup>2</sup> Mestrandas do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS- da Universidade Federal de Uberlândia, produzido para disciplina Gramática, Variação e Ensino no 2º semestre de 2014. Alunas bolsistas da CAPES.



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

of Portuguese, among them gender as teaching object. Despite these instructions, the activities which we found in the corpus privilege the memorization of verbal regency of some verbs considered essential to learning and the use of standard language variety. After the analysis we present a suggestion exercises which they underlie in the instructional sequence model proposed by Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004).

**Keywords:** Education; Verbal regency; Textbook.

## Introdução

Percebemos em sala de aula que o fenômeno da Regência Verbal<sup>3</sup> é trabalhado, com base nas explicações do Livro Didático de Língua Portuguesa (doravante, LDLP) e das gramáticas escolares, como uma repetição de regras. Assim, parece não haver outra finalidade para o conteúdo senão a forma ensinada pelo professor com auxílio desse aporte didático: decorar uma lista de verbos, com o argumento de que é necessário apreendê-los para ser bem sucedido em concursos e vestibulares. Nesse sentido, verificamos uma visão de língua como simples decodificação e um ensino, puramente, embasado na metalinguagem. Nesses materiais didáticos, acreditamos encontrar ainda, uma abordagem da Regência Verbal (doravante, RV) sem permitir ao falante que ele reflita sobre o funcionamento sintático da língua.

Dessa forma, há um distanciamento entre o que é proposto nos estudos à luz da Linguística e dos documentos oficiais para ensino de Língua Portuguesa (PCN, 1998) - cuja proposta é que aulas tenham como objeto de aprendizagem a linguagem através do “uso - reflexão-uso” - e a prática, pois foge ao verdadeiro objetivo do ensino de RV, que é conduzir a um “desempenho mais seguro e confortável na atividade de interação linguística” (RODRIGUES apud NEVES, 2010, p.7).

Atualmente, nas aulas de Língua Portuguesa (doravante LP), ainda há um grande espaço reservado às regras gramaticais. Talvez uma das razões seja a importância que ainda é atribuída à gramática tradicional ou normativa. É esta que norteia os ensinamentos escolares e que mostra o caminho para reconhecermos a estrutura da língua, não deixando nenhum

---

<sup>3</sup> De acordo com LUFT (2008), “Regência em sentido restrito é, pois a necessidade ou desnecessidade de complementação implicada pela significação... de verbos”, (LUFT, 2008, p.5).



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

espaço que leve a refletir sobre o porquê desta estrutura, levando ao que parece ser o objetivo principal da gramática tradicional, que é preservar “a língua literária nas opções de uso feitas pelos grandes escritores do passado, aqueles que são chamados de ‘os clássicos da língua’ ” (RODRIGUES apud BAGNO, 2002, p.15)

Tal opção não considera a língua falada por outras classes sociais, excluindo-as e levando a gramática tradicional a cometer erros que só começaram a ser revistos com os primeiros estudos linguísticos: a) separar a língua escrita da falada; b) considerar fenômenos linguísticos como “erros”, que simbolizam decadência.

Assim, temos em sala de aula, nas gramáticas escolares (ou tradicionais) o privilégio de uma língua, excluindo todas as outras variedades linguísticas.

Através de constantes evoluções das teorias da linguagem percebemos, embora timidamente, uma nova abordagem dos conteúdos, não limitando apenas ao conceito de certo e errado. Não se justifica, portanto, a abordagem tradicionalista em sala de aula.

Propomos neste artigo investigar o LDLP, aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que adotamos nas escolas da rede pública de Ensino Fundamental Final, durante o período de 2013 a 2016, Português e Linguagens de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães para verificar como esse recurso didático aborda o fenômeno da RV. Se propõe atividades nessa visão de “certo” ou “errado” e os reflexos disso em sala de aula.

Em conformidade com nosso propósito, organizamos este artigo em 5 seções. Na primeira, explicitaremos o que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), doravante PCN, ao ensino de LP, juntamente com as diretrizes da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, escolhemos apenas a desse estado uma vez que não conseguiríamos nesta pesquisa analisar todos os outros e suas respectivas propostas curriculares. Ademais como fazemos parte de um Mestrado Profissional- PROFLETRAS o qual tem por finalidade refletir sobre prática docente em sala de aula. Na segunda, apresentaremos definições de gramática normativa e gramática descritiva e as implicações no ensino dessas duas vertentes e nos LDLP. Depois, mencionamos o papel do LDLP e, por conseguinte, na última seção apresentaremos a análise das atividades de RV encontrados nos LDLP selecionados para *corpus* desta pesquisa. Por último, apresentamos uma proposta de ensino de RV.



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

## **1 As Diretrizes Oficiais para ensino de LP e a Regência Verbal**

Os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (1998) trazem uma concepção de língua e de ensino diferentes daquelas as quais aconteciam nas escolas antes da sua publicação, pois houve a constatação de que uma aprendizagem voltada apenas para normatização de regras gramaticais não formava um leitor proficiente na educação básica, objetivo principal dos PCN.

Dessa constatação há nesse documento a definições importantes como a de que:

a língua é um sistema de signo específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprender a língua é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (BRASIL, 1998, p.20).

Nessa visão interacionista, a língua não pode ser concebida somente como código para transmitir informações. Sendo assim, percebemos a sua dinamicidade e sua variação. Na tentativa, de modificar essa postura de ensino de LP tradicionalista na educação básica, os PCN (1998) postulam que o objeto de ensino deve ser por meio e a partir do gênero discursivo<sup>4</sup>.

Para que isso seja garantido, o documento propõe o ensino da língua em textos, com atividades abrangendo a tríade leitura - produção de texto - análise linguística. O ensino gramatical se apresenta como um meio para melhorar a qualidade da produção. Nessa concepção:

ao professor cabe planejar, implementar e dirigir atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem. (BRASIL, 1998, p.22)

---

<sup>4</sup> Adotamos a definição de gênero de Bakhtin, quando afirma que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”. (BAKHTIN 1997, p. 279).



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

O objetivo do ensino de LP, dentro dessa proposta, é formar usuários competentes de língua materna, com capacidade intelectual e linguística, desenvolvendo a competência discursiva. Tal diretriz salienta a função do docente em sala, pois será o mediador entre aluno - conhecimento, atendendo às demandas da turma na qual ministra as aulas, podendo prepará-las de acordo com as dificuldades apresentadas.

Percebemos uma preocupação também das Secretarias Estaduais de Educação, que se embasam nos PCN, com criação de novo currículo para disciplina. Dentre elas, citaremos apenas da Secretaria Estadual de Minas Gerais, a qual elaborou desde 2005 a sua Proposta Curricular: Conteúdo Básico Comum de Língua Portuguesa (doravante, CBC). Nela encontramos claramente o modo como devemos inserir os conteúdos a serem abordados em sala, dentre eles o enfoque do nosso estudo, que aparece dentro do tópico ensino de linguagem e língua: “A regência verbal do português padrão e não padrão” (CBC, p.122) com as seguintes habilidades a serem desenvolvidas:

- a) Reconhecer diferenças entre a **norma padrão** e o uso **não padrão** de regência verbal, em um texto ou sequência textual; b) Avaliar a adequação da **norma padrão** ou **não padrão** de regência verbal em um texto ou sequência textual considerando a situação comunicativa e o gênero do texto; c) Corrigir um texto ou sequência textual, considerando a **situação comunicativa** e o gênero do texto; d) Usar a norma padrão de regência verbal em situações comunicativas e gêneros que a exijam. (CBC, 2010, p. 122, grifos nossos).

Constatamos que essa proposta se preocupa com a distinção do que seja norma padrão e não padrão, do contexto comunicativo do gênero e da intenção para qual foi produzido. Percebemos uma preocupação que não consiste em decorar uma lista de verbos e de preposições para aprender a RV, e sim, a partir do contexto de uso, de acordo com os propósitos, as intenções do falante da língua, usa-se uma variedade da língua em detrimento de outra. Não é simplesmente dizer o que é certo ou errado na análise de enunciados isolados e soltos. É, sobretudo, pensar sobre o fenômeno RV, e nessa postura, como professores de LP, devemos averiguar se os materiais de apoio como LDLP, promovem atividades reflexivas ou se pelo menos buscam alternativas para que se efetive o ensino de LP em conformidade com os documentos oficiais, seja o Nacional ou o Estadual.



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

Para compreendermos melhor uma postura tradicional e as implicações dela no contexto educacional e outra postura mais inovadora no que se refere ao ensino de RV, definiremos na seção seguinte o que seja a gramática normativa e a gramática descritiva e como tais preceitos estão inseridos no LDLP.

## 2. Normatização e Descrição dos fenômenos de Regência Verbal

Para analisarmos o LDLP, precisamos elucidar as definições de gramática existentes e relevantes a este artigo, pois a escolha de uma ou outra implica em atividades diferentes em sala de aula e na elaboração de materiais didáticos, atendendo a objetivos diversos. Antes de denominamos o que seja gramática nos pautamos na afirmação de que “a noção de gramática é controvertida: nem todos os que se dedicam ao estudo desse aspecto das línguas a definem da mesma maneira.” (DAMASCENO JUNIOR apud POSSENTI, 2004, p.63).

Quando conceituada como um conjunto de regras, a gramática define as normas que serão essenciais para o uso perfeito e correto da língua. No entanto, tal conceito é direcionado à gramática normativa. Delimitamos, especificamente, o que seja a gramática normativa e a gramática descritiva porque nos auxiliam na análise dos LDLP.

Bechara (2014) define esses dois tipos como:

- a) **gramática descritiva**, disciplina científica, que tem por objetivo registrar e descrever um sistema linguístico em todos os seus aspectos (e em todas as suas variedades), sem pretender recomendar um modelo exemplar;
- b) **gramática normativa ou prescritiva**, que, por seu turno, tem por finalidade didática recomendar um modelo de língua, assinalando as construções ‘corretas’ e refeitando as ‘incorretas, ou não recomendadas pela tradição culta. (BECHARA, 2014, p.19, grifos nossos).

A gramática descritiva tem por objetivo explicar como a língua é falada, aspecto que a diferencia da normativa. Aquela também “pretende depreender o sistema de uma língua, através do estabelecimento de unidades no interior de cada sistema e suas relações opositivas” (DAMASCENO JUNIOR apud VIEIRA e BRANDÃO, 2007, p.15). Dessa forma, a língua é estudada não somente pela estrutura, mas com uma visão heterogênea, na



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

fala ou na escrita, adaptando suas regras ao uso contínuo, descrevendo os fenômenos linguísticos, bem como tentando explicitá-los numa lógica para o falante de uma língua.

Já a gramática normativa impõe as regras para a boa utilização da língua escrita e falada. Neste tipo de gramática, entende-se que a língua deve ser utilizada de forma correta, em qualquer situação. O que a torna, desta forma, “preconceituosa”, pois ignora as variações existentes na língua e de difícil compreensão devido à dificuldade e complexidade de suas regras.

Nessas duas vertentes, encontramos explicação para o ensino de RV. Quando este se atém exclusivamente a memorizar verbos, acepções deles e uma lista de preposições, verificamos assim o ensino sob a perspectiva da gramática normativa. Quando, ao contrário, como professores, fazemos o aluno refletir sobre os aspectos linguísticos, temos o exemplo da gramática de descritiva.

Observamos que Perini (2005), em sua gramática descritiva, introduz o Fenômeno de Regência da seguinte forma:

As estruturas sintáticas se compõem de constituintes organizados em orações segundo certos princípios, o de que cada constituinte tem uma função sintática dentro da oração ou do sintagma a que pertence (...) Agora vamos abordar outro aspecto da organização sintática das orações, que diz respeito, **a grosso modo**, de propriedades de muitos itens léxicos de estipular certos traços da estrutura em que ocorrem. Assim, por exemplo, se construirmos uma oração cujo NdP é desempenhado pelo verbo *gostar*, teremos de incluir também um adjunto circunstancial precedido da preposição *de*. A ausência de tal preposição com o complemento causa a inaceitabilidade :

1 a) Todo gato gosta de sardinha.

b)\* Todo gato gosta sardinha.

Esse fenômeno tradicionalmente expresso dizendo-se que o verbo *gostar* exige a presença de antes de seu complemento. ( PERINI, 2005, p.159).

Constatamos que o autor mostra a ocorrência da RV em orações e demonstra com oração bem simples, o que seria aceitável ou não ao falante para depois inserir o que é fenômeno de RV. Não usa as palavras “certo” ou “errado” para avaliar as construções frasais e não aponta uma lista de verbos problemáticos no tocante à RV. Utiliza o verbo *gostar* o qual não apresenta variação de preposição em seu sentido, fazendo o falante refletir sobre a ausência da preposição naquele contexto. Nas páginas seguintes continua a análise de outros verbos nessa tendência e não apresenta listagem de exercícios ou verbos a serem decorados.



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

Em oposição a essa proposta de aprendizagem, apresentamos o modo como a gramática normativa postula a RV:

A regência verbal se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Você sabe que o verbo gostar rege a preposição de (gostar de alguém ou de algo), que o verbo concordar rege com (concordar com alguém ou com algo), que o verbo confiar rege em (confiar em alguém ou em algo). E o verbo ir? No dia-a-dia, no Brasil, é muito comum “ir em algum lugar”(“ Fui no cinema”, “ Fui na Praia”). Na língua culta, porém, o verbo ir rege as preposições a e para:

Fui **ao** cinema.

Ele foi **para** a Grécia.

**A diferença entre o uso culto, formal, e o coloquial, é um dos principais objetivos do estudo da regência.** (INANTE e PASQUALE , 2003, p.497 grifos nossos).

Constatamos que as duas gramáticas tanto a descritiva quanto a normativa iniciam as explicitações com verbo gostar, porém, de maneiras diferentes. Na segunda visão, notamos a definição do que seja RV, em seguida diretamente, sem nenhum questionamento, aponta que o verbo gostar exige a preposição de. Depois, utiliza exemplos cotidianos, como por exemplo, dos verbos chegar e ir utilizados no cotidiano com a preposição em, deixando claro que na língua culta tais verbos exigem preposições diferentes.

Desse modo, percebemos a visão da língua exposta nessa gramática normativa, aquela de que há pessoas com domínio da forma mais erudita, elevada da língua e que as outras formas e usos são “erros” daqueles os quais não sabem expressar-se. Desconsidera as variedades de uso, pois ainda afirma que um dos principais objetivos do estudo da RV é distinguir “o uso culto, formal, e o coloquial”. Depois na página seguinte, apresenta os verbos agrupados de acordo com a transitividade verbal para que fique bem claro que há verbos mais fáceis e outros mais problemáticos. Estes últimos definidos dessa forma, pois apresentam regências diferentes de acordo com a aceção. Traz de vermelho em outra parte das explicações o título “ Dois casos críticos”, que seria quando dois verbos diferentes recebem duas regências diferentes, “ ‘O público viu e gostou do filme pode dar lugar a ‘ O público viu o filme e gostou dele’”.( INFANTE e PASQUALE,2003,p.505)

Na parte destinada aos exercícios encontramos atividades de memorização com enunciados como complete, faça como no modelo, depois encontramos alguns retirados de exames de vestibulares e de concurso.





EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

Nessa perspectiva, não encontramos espaço para um ensino de LP, especificamente, de RV, o qual leve o aluno usar a língua, refletir sobre ela e tornar a usá-la, em conformidade com os PCN. Além, disso verificamos modos diferentes de apresentar ao falante a RV, na gramática descritiva e na gramática normativa. O professor de LP deve se ater a tais preceitos, saber e entender a denominação gramatical ou outras para que no desenvolvimento das aulas possa de fato promover a aprendizagem da RV.

Acreditamos que no Ensino Fundamental Final não precisamos nos ater às nomenclaturas da morfologia, da sintaxe e sim elaborar propostas de atividades as quais permitam ao aluno pensar e usar produtiva e de maneira autônoma a variedade mais adequada à situação de comunicação.

Na próxima seção faremos um levantamento acerca do LDLP, foco da nossa investigação.

### **3. O papel do Livro Didático de Língua Portuguesa**

A adoção de livros didáticos para o ensino de LP é recente. Registros datam a década de 1970 como início.

Até a década de 1950, o professor desta disciplina tinha apenas os manuais de gramática como suporte. O foco de ensino era, portanto, a apreensão de regras da gramática normativa, uma vez que apenas a elite tinha acesso à educação escolar e esta, por sua vez, deveria utilizar (e aprender) a norma culta da língua.

Entre as décadas de 1950 a 1970, a educação no país passa por importantes modificações, dentre elas o aumento da população escolar, proporcionada pelo acesso de outras camadas sociais - e não apenas a elite - às escolas. Isto abriu caminho para que o português falado por estas camadas também chegasse às escolas e passasse a ser objeto de estudo. No entanto, apesar do novo público, o ensino não mudou. Classes sociais e níveis de letramento diferentes estudavam um português distante de sua realidade.

Mudanças no perfil do professor também aconteceram. E assim, “com o aumento da população escolar, ampliou-se o número de professores que agora não mais pertenciam



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

mais às classes de prestígio, não detinham uma formação humanística ampla, nem conhecimentos mais profundos da língua”. (RODRIGUES apud BEZERRA, 2005, p.42)

Foi para preencher esta lacuna entre o docente menos qualificado e a prática escolar que surgiu, na década de 1970, o livro didático. Desta forma, diminuía-se a responsabilidade do professor sobre o conteúdo ministrado. Em contrapartida, aumentava-se a sua dependência com o livro.

Nas décadas de 1980 e 1990, com pesquisas avançadas sobre a língua, novas mudanças em relação aos conteúdos, metodologias e concepções teóricas surgiram na elaboração dos LD. Com a chegada dos PCN, oficializou-se o eixo norteador do ensino de língua portuguesa - já mencionado neste trabalho - pautado nos mais diversos gêneros discursivos, o que fez com que os livros didáticos também se adaptassem às propostas deste documento.

Os livros didáticos atuais devem, portanto, apresentar uma variedade de textos para serem lidos e discutidos em sala de aula e, através destes, as relações gramaticais são expostas.

Sabemos que tal recurso didático constitui um suporte o qual o docente direciona suas aulas. Devemos, então, analisá-lo no tocante aos conteúdos abordados, na perspectiva de língua e linguagem subjacente às unidades de trabalho. Não podemos desconsiderar, como professores da educação básica, o fato de que podemos utilizá-lo, porém, podemos adaptá-lo aos nossos propósitos seja na parte de leitura, seja na parte de produção textual e na análise gramatical.

Na próxima seção apontaremos, especificamente, como o fenômeno da RV é abordado no livro didático escolhido para análise e *corpus* desta pesquisa.

#### **4. Livro Didático de Língua Portuguesa: Atividades de Regência Verbal**

Selecionamos para a nossa análise o Livro Didático de Língua Portuguesa da Coleção Português: Linguagens, do 9º do Ensino Fundamental Final, uma vez que só neste ano, encontramos a parte de RV, na seção denominada “A língua em foco”, com subtítulo Sintaxe de Regência, das páginas 207 a 213. O livro traz a conceituação de RV como:



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

A regência é um dos aspectos da língua que se evidenciam claramente as **diferenças** entre a norma-padrão e as **variedades não padrão**. Mesmo entre os falantes que regularmente usam a norma padrão, é comum haver diferenças no emprego da regência em situações de uso da língua escrita e língua oral. Em situações em que há necessidade de produzir textos que siga a norma-padrão formal, recomenda-se, para esclarecer dúvidas quanto a regência a consulta a dicionários comuns ou especializados. Apresentamos a seguir os casos mais comuns de regência, sempre de acordo com as prescrições da **gramática normativa**. (MAGALHÃES, 2012, p. 208, grifos nossos).

Na apresentação ao conteúdo de RV, os autores já mostram a oposição entre o padrão e não padrão. Percebemos uma visão de língua a qual diferencia aqueles que a dominam e os que não a dominam. Recomendam o uso de dicionários, gramáticas normativas. Um ensino baseado na prescrição. Embora o LDLP apresente mudanças no decorrer desses últimos 20 anos, com os PCN ainda encontramos nele, em uma nova roupagem, a gramática tradicional. Ao invés de postular “certo” e “errado”, prefere norma padrão e não padrão. E podemos dizer ainda uma visão preconceituosa. Em seguida na mesma página encontramos uma lista de verbos: assistir, chegar-ir, esquecer- lembrar, obedecer- desobedecer, simpatizar e antipatizar e visar, com a preposição que exigem tais verbos.

Na parte destinada à aplicação do conteúdo aprendido encontramos atividades de RV e Regência Nominal, pois tais conteúdos são apresentados juntamente no mesmo capítulo pelo autor. Como nosso enfoque é a RV, atemo-nos apenas nela:

**EXERCÍCIOS**

Leia a tira a seguir, de Bob Thaves, para responder às questões de 1 a 3.

1. De acordo com a norma-padrão, que preposição completa adequadamente a frase do cartaz da tira: **de**, **em** ou **a**?

2. O verbo **lembrar** apresenta mais de uma regência, de acordo com a norma-padrão. Observe o emprego que ele tem, quanto à regência, no enunciado do cartaz da tira.

a) Esse emprego está de acordo com a norma-padrão? Justifique sua resposta.

b) Reescreva o enunciado do cartaz, empregando a outra regência do verbo **lembrar** na norma-padrão.

3. Em que consiste o humor da tira?

4. Reescreva o texto a seguir, completando-o com a preposição adequada à regência dos verbos e nomes, de acordo com a norma-padrão da língua.

**Como são feitas as vacinas?**

A maioria das vacinas é feita  os vírus e as bactérias que causam doenças. Primeiro eles são enfraquecidos  laboratório e depois diluídos  substâncias químicas. As vacinas fazem  que o corpo aprenda  se defender criando anticorpos, células especializadas  proteger o organismo  doenças. Assim, se depois de vacinado você tiver contato  vírus ou bactéria, os anticorpos entrarão em ação  defendê-lo.

(Recreio, nº 90.)

Figura 1- Livro Didático Português: Linguagens, 2012, p.210



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

Como percebemos através do que é proposto pelo primeiro exercício, que o LDLP seleciona o gênero discursivo tira, não o analisa. Apenas, está nessa parte com um pretexto ao ensino da gramática o que vem de encontro ao PCN e CBC. Das quatro questões propostas apenas a última explora o humor, o objetivo comunicativo do texto. Não há em momento alguns comentários acerca do motivo pelo qual se deve empregar a variante padrão a língua.

Pelos enunciados das outras 1,2 e 3 encontramos respaldo no que preconiza a gramática normativa. Há tentativa e fazer exercícios reflexivos, contudo constatamos somente uma nova roupagem deles. Ao usara a variedade padrão e não padrão, a escolha do verbo lembrar também, deve-se ao fato de esteja na lista dos verbos mais comuns mencionados pelos autores do Livro Didático (doravante LP). Por fim, pede-se ao aluno que complete um texto informativo, com as preposições adequadas à norma padrão. Verificamos novamente o gênero discursivo descontextualizado, retirado do seu suporte original, a revista Recreio e inserido no LD. Poderíamos explorar o gênero, seu propósito, onde foi publicado. Apresentara ao aluno, uma versão da variante não padrão e indagá-los acerca do suporte, qual seriam as escolhas mais adequadas para que se torne o texto adequado à publicação.

Em outra divisão dos exercícios encontramos:

### A regência


#### NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Leia a seguir a letra de uma canção que Gilberto Gil fez para o filme *Um trem para as estrelas*, de Carlos Diegues, em 1987.

**Pra fazer o sol nascer**

Sol	A mim, a tudo mais
Acende a luz	Atende à minha voz
Atende à minha voz	Ao meu saxofone
At(s)ende de acender e de subir	Cor do Sol
De clarear	Sol
De despertar assim	Nasce d'ouro pra nós

(Carlos Rennó, org. Gilberto Gil – Todas as letras. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 323.)



211

- No texto, o eu lírico se dirige ao Sol.
  - O que pede a ele? *Que nasça.*
  - Provavelmente, em que parte do dia ou da noite é feito esse pedido? *Durante a madrugada, antes de o Sol nascer.*
  - O eu lírico pede ao Sol que **atenda** à sua voz e ao seu saxofone. O uso desse verbo dá ao Sol uma posição de destaque ou de inferioridade em relação ao eu lírico? Justifique.
- Como você sabe, **regência** é a relação que se estabelece entre dois termos: o **subordinante** (o termo que exige outro) e o **subordinado** (o termo regido pelo primeiro). No texto, encontram-se várias situações de regência. Qual ou quais são os termos regidos:
  - pelo verbo **acende**? *a luz*
  - pelo verbo **despertar**? *a mim, a tudo mais*
  - pelo verbo **atende**, do 8º verso? *à minha voz, ao meu saxofone*
  - pelo substantivo **cor**? *do Sol*
- As relações observadas na questão anterior são de regência verbal ou nominal?  
*As três primeiras são de regência verbal, e a última é de regência nominal.*
- Alguns dos verbos empregados no texto têm uma única regência para cada um de seus sentidos. Outros podem ter até duas regências para o mesmo sentido. Vejamos os sentidos e as regências destes verbos:
 

<b>acender</b>	}	(VI) começar a arder, ativar-se: A luz acendeu sozinha. (VTD) levar fogo a, causar emissão de luz: Acenda a vela.
<b>atender</b>	}	(VTD ou VTI) receber, acolher com atenção, escutar: Atenda o pedido. / Atenda ao pedido. (VI) aguardar, escutar: Atenda antes de falar.
<b>despertar</b>	}	(VI) acordar: Despertei mal-humorado. (VTD) tirar do sono: Desperte seu irmão. (VTDI) tirar alguém do sono: Despertei meu irmão de um mau sonho.

Com base nessas informações, verifique no poema com qual sentido e com qual predicção foram empregados:

  - o verbo **acender** (VTD) levar fogo
  - o verbo **atender** (VTI) acolher com atenção
  - o verbo **despertar**

Figura 2 – Livro Didático Português: Linguagens, 2012, p.211

No que se refere em A REGÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO, encontramos a tentativa dos autores em fazer o aluno pensar sobre a RV, uma proposta de leitura do gênero discursivo música e os efeitos de sentido decorrentes nela do uso do verbo acender e ascender. Atividades voltadas à leitura e à compreensão do gênero discursivo com aporte na RV. Depois na questão 4 abre espaço para explanação da RV dos verbos acender-ascender e despertar, de acordo com gramática normativa.

Semântica e discurso

Leia o anúncio ao lado.

**NÃO PISE NA JABULANI. COPA É NA BAND.**

Feche o jogo de campo 11 horas depois do futebol em HD. Programas especiais para comentar as partidas e detalhes os melhores momentos da Mundial. A equipe esportiva mais competente da TV. E a credibilidade da tradição esportiva da Band.

É BRASIL NO PEITO E OLHO NA BAND. [band.com.br/copa2010](http://band.com.br/copa2010)

**jabulani:** nome que foi dado à bola oficial da Copa do Mundo de 2010, ocorrida na África do Sul.

212

- O anúncio foi publicado na época da realização da Copa do Mundo de 2010, ocorrida na África do Sul. Que produto é divulgado nele? A transmissão dos jogos da Copa.
- A expressão **pisar na bola** tem mais de um sentido. 2. Para demonstrar uma integração total com o país sede da Copa e com o contexto do campeonato.
  - Quais são eles? Pisar em uma bola ou cometer um engano, sair-se mal, dar um fora.
  - Qual é o sentido do enunciado “Não pise na jabulani”, no contexto do anúncio? Não vacile, não se deixe enganar e escolha a emissora anunciada para assistir aos jogos da Copa.
  - Na sua opinião, por que o anunciante utiliza a palavra *jabulani* e não *bola*?
  - Na sua opinião, uma pessoa que desconheça o significado da palavra *jabulani* pode entender o sentido que o anunciante pretendeu dar ao enunciado “Não pise na jabulani”? Justifique sua resposta. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que sim, porque há, no anúncio, várias possibilidades de inferência do sentido da palavra: a imagem da bola, a referência à Copa, a presença de palavras como jogos, futebol, partidas, esportiva, etc.
- Embora o uso tenha estabelecido o emprego do verbo **pisar** como transitivo indireto, no passado ele era classificado pela gramática normativa somente como transitivo direto. Você viu que alguns verbos admitem mais de uma regência e há verbos que têm sentidos diferentes, dependendo da regência.
  - No anúncio em estudo, o verbo **pisar** está empregado como transitivo direto ou como transitivo indireto? Como transitivo indireto.
  - Reescreva o enunciado principal do anúncio, utilizando a outra regência do verbo **pisar**. Não pise a jabulani.
  - Responda: O verbo **pisar** sofre alteração de sentido ao ser empregado com regências diferentes? Não.

Figura 3 – Livro Didático Português: Linguagens, 2012, p.212

Por fim, no encerramento do estudo da RV, em Semântica e discurso, encontramos o gênero discursivo anúncio publicitário, em que se explora a RV do verbo *pisar*, sendo utilizado como verbo transitivo indireto e os sentidos decorrentes dessa escolha da preposição. Nessa seção percebemos maior interesse pelos traços semânticos das preposições e exploração do gênero discursivo, em que o aluno deve associar os modos verbal e não verbal e pensar no porque do anunciante preferir usar o verbo *pisar* como transitivo indireto.

#### 4.1 Objeto Educacional



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

A coleção, Português e Linguagens, insere nesta última edição os objetos educacionais como aporte ao docente de LP, um DVD do 6º ao 9º ano, com atividades diferentes das propostas no livro impresso, dentre elas, um audiovisual sobre RV, em que apresenta o conteúdo ao aluno sempre pensando na variedade padrão e não padrão. Depois, propõe que os alunos em grupos anotem e registrem regências de verbos usados no dia a dia pelo falante e levem para sala para apresentar à turma. Na próxima seção, sugerimos atividade de RV.

## 5 Sugestão de Atividades de Regência Verbal

Esta proposta de atividade se insere nos postulados do ensino de LP por meio dos gêneros discursivos. Tomamos como modelo a estrutura de uma sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), em que iniciamos com produção inicial, módulos, ou seja, exercícios para atender às dificuldades verificadas pelo docente na turma, e por último, a produção final. Sugerimos como recurso didático de ensino da RV, ue um dos módulos, caso o professor tenha a intenção de explicitar a RV, por meio do uso em produções escolares. Ao elaborá-la, solicitamos uma produção inicial que contemplassem os verbos chegar e ir. Só a partir do uso, das constatações do modo como os alunos empregavam a RV desses verbos elaboramos os exercícios.

### 5.1 Proposta para ensino de Regência Verbal

Exercícios de Regência Verbal: verbos chegar e ir.

As aulas são divididas em 2 , cada uma contempla um desses verbos os quais selecionamos para ensino de RV.

#### Aula 1

Os recursos didáticos necessários às aulas são o *data show*, quadro e giz, folha xerografada, dicionários, cartolina, papel AP e mural.

O professor deverá pedir aos alunos uma produção de texto e a partir dela, identificar as regências dos verbos **ir** e **chegar** utilizadas pelos alunos nos textos. Depois selecionar as frases das redações sem identificá-las. Essa atividade poderá adaptada de acordo com a turma e com o objetivo de fazer o aluno refletir sobre o uso da língua no



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

tocante à regência verbal. Aplicado numa escola da rede pública municipal em Minas Gerais.

Esses excertos são de produções de alunos do Ensino Fundamental final, um relato pessoal, sem interferência do docente para verificação da RV.

Produção 16: “Alex comeu todas as frutas e matou a fome e ele **foi** várias vezes no parque e nunca mais pegou uma fruta do parque.” (*Minas Gerais*)

Produção 23: “Era uma vez um menino que foi passear pela vizinhança e viu um pé de maçã bem bonito. Chamou a Dona Roza, ela **chegou** na Janela e falou...” ( *Minas Gerais*)

### **Produção 31:**

“ \_ Mãe não tem comida?

A mãe respondeu:

\_ Não.

\_ **Vai no** pé de maçã eu acho que tem maçã.

Ai ele **foi** no pé de maçã e tinha uma maçã muito gostosa ...”( *Minas Gerais*)

Depois, entregar aos alunos uma cópia xerografada dos trechos das redações e pedir que sentem em duplas para fazer perguntas relativas a estes verbos:

- Vocês utilizam estes verbos no dia a dia com a preposição **em** ou a preposição **a**? Citem exemplos das situações comunicativas.
- Para vocês, estas formas estão de acordo com a **variedade padrão**?
- Em seguida, pedir que pesquisem em um dicionário o significado desses verbos. Utilizar, se possível, o mesmo dicionário para as duplas, o Houaiss, minidicionário de Língua Portuguesa. E peça alunos que observem a preposição empregada nesses verbos no dicionário.





EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

Agora, peça às duplas que adequem essas frases de acordo com a **variedade padrão**.

Cada dupla criará um diálogo entre dois adolescentes empregando os verbos chegar e ir de acordo com a **variedade padrão** e **não padrão** e depois deverão apresentá-lo à turma. Após as apresentações, o professor poderá explicar a regência desses verbos na lousa e anotá-los em cartolina ou folha de papel AP e afixá-los ao lado da lousa, com exemplos.

## Aula 2

O professor deverá apresentar em *data show* o trecho da redação a seguir:

Produção 50 “ Um dia o menino estava na rua e o menino estava com muita fome e o menino **foi** coreno para a casa dele e o menino **foi** na cozinha e não tinha comida e o menino **foi** no frudo e ele viu uma arvore e o menino **foi** na arvore...”( Minas Gerais)

Pedir que reescrevam o trecho no caderno, adequando-o à situação de comunicação para a qual ele foi elaborado. Em seguida, em duplas criar uma frase empregando o verbo **chegar** de acordo com a variedade não padrão e apresentá-la para a turma.

Apresentar as frases e pedir que as observem:

- O menino **foi na** cozinha.
- O menino **foi para** a cozinha.
- O menino **foi à** cozinha

Pergunte aos alunos: Qual a diferença de sentido entre as três frases?

Questionar:

- Por que vocês acham que nessa redação o aluno empregou na frase esta preposição?  
“ o menino **foi** coreno **para** a casa dele”.



- Qual o significado dessa preposição em destaque?

Conforme explicamos, apenas apresentamos uma sugestão, é no contexto da sala de aula que o professor seleciona o que é mais pertinente às suas aulas, de acordo como seus objetivos.

## 6 Considerações Finais

Com esta pesquisa, constatamos que o LD analisado, funde concepções de língua como decodificação e interação, assim como encontramos teorias gramaticais diferentes, como nos atemos à gramática descritiva e à normativa, mencionamos a influência delas no LD.

Notamos claramente isso, quando o LD apresenta ao aluno na seção língua em foco, o fenômeno RV, no qual se prende à normatização. Há avanços no tocante aos exercícios sim, pois não há mais atividades voltadas somente para cópia e memorização. Encontramos pelo menos a tentativa de se fazer o ensino de LP no que se propõem os PCN e o CBC.

Percebemos que ainda há no suporte o uso do gênero discursivo como atividade meio e não atividade fim, embora depois os autores coloquem outro gênero para interpretação e compreensão a partir da RV. Notamos que desse modo se misturam o que há na gramática normativa, primeiramente, para depois partir para análise prescritiva, e por fim, chegar à semântica, como acontece na última seção dessa parte com o gênero anúncio publicitário.

E o LD, ainda, apresenta uma novidade que nas outras coleções antes de 2013 a 2016 não possuía: o objeto educacional. Cabe ao professor, diante desses recursos selecionar a forma de abordá-los em sala, preparando suas aulas de LP, adaptando-as de modo a atingir seu objetivo de ensino no que se refere à RV. Lembrando que não precisamos segui-lo do início ao fim, temos autonomia para usá-lo da maneira mais apropriada, em consonância com a turma.

Podemos sugerir, também, como professores de LP do Ensino Fundamental Final, a partir dessa análise, como também no embasamento teórico e experiências em sala, atividades voltadas para produção de textos dos alunos, como elemento inicial do trabalho com RV para diagnosticar os verbos os quais podem ser trabalhados em sala. Reescrita



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

desses textos, adaptando-os a suporte e objetivo comunicativo diferente, assim como atividades de linguagem oral na mesma perspectiva. Assim, construímos as atividades sugeridas para sala de aula que foram construídas por professoras da educação básica e pertencentes a um mestrado profissional. Não intentamos normatizar um exercício, apenas uma sugestão a qual esteja em consonância com as diretrizes curriculares para ensino de LP, sem menosprezar aspectos linguísticos relevantes da sintaxe da língua.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso In: **Estética da Criação Verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.279 a 313.

BRASIL, Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais- Terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental**: Introdução e Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Conteúdo Básico comum- Língua Portuguesa**. Educação Básica - Ensino Fundamental e Médio, 2010.

CEREJA, Willian Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português e Linguagens**. 9º ano do Ensino Fundamental. 7 ed. São Paulo: Saraiva, 2012

DAMASCENO JUNIOR, Raimundo Nonato Silva. **A base para o ensino da gramática**. 2009, 60f. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Letras – Língua Portuguesa e suas literaturas. Faculdade Evangélica de Brasília, DF, 2009.

DOLZ, J. ; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. *Gêneros Oraís e escritos na escola*. Trad. e org. ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 41-70; 95-128.

INFANTE, U. PASQUALE, Cipro Neto. **Gramática de Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2003.



EDIÇÃO Nº 08 JUNHO DE 2015  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/04/2015  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/05/2015

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário de Regência Verbal**. São Paulo: Ática, 2008.

NEVES, Maria Helena de Mouras. (Org.) **Gramáticas contemporâneas do Português**. São Paulo: Parábola, 2014.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

RODRIGUES, Tiago de Aguiar. **Buscando sentido para a pesquisa e o ensino de Regência Verbal: uma abordagem funcional-cognitiva**. Brasília, DF: DLPLC, 2011, 229 f. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 2011.

DAMASCENO JUNIOR, Raimundo Nonato Silva. **A base para o ensino da gramática**. 2009, 60f. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Letras – Língua Portuguesa e suas literaturas. Faculdade Evangélica de Brasília, DF, 2009.